

do grão ao pão

Farinha de trigo: história da moagem no Brasil

Del grano al pan // Harina de trigo: historia de la molienda en Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bartaburu, Xavier

Do grão ao pão : farinha de trigo : história da moagem no Brasil = Del grano al pan : harina de trigo : historia de la molienda en Brasil / texto de Xavier Bartaburu ; arte Ken Tanaka ; direção de imagem Valdemir Cunha ; fotografia Lígia Fernandes, Karina Sechi e Valdemir Cunha ; [tradução Xavier Bartaburu]. -- São Paulo : Editora Origem, 2016.

Edição bilíngue: português/espanhol.
ISBN 978-85-64444-10-2

1. Fotografias 2. Trigo – Brasil I. Tanaka, Ken. II. Fernandes, Lígia. III. Sechi, Karina. IV. Cunha, Valdemir. V. Título. VI. Título: Del grano al pan : harina de trigo : historia de la molienda en Brasil.

16-06769

CDD-779.9981

Índices para catálogo sistemático:

- 1. Brasil : Fotografias 779.9981
- 2. Fotografias : Brasil 779.9981

Apresentação

Comparada com o trigo, a Abitrigo (Associação Brasileira da Indústria do Trigo) é uma entidade jovem: tem apenas 25 anos de vida, enquanto o cereal supera os 15 mil anos. Nem por isso vamos deixar de comemorar: o esforço empreendido pelos membros da associação nestas últimas duas décadas e meia é proporcional ao longo tempo de interferência direta do governo no setor. Um trabalho árduo que, em apenas 25 anos, pôde reestruturar toda a cadeia do trigo no Brasil, estreitar os laços com fornecedores e compradores no exterior e difundir, junto à opinião pública, os importantes benefícios do trigo à saúde humana.

Daí este livro: uma celebração não apenas do trabalho da Abitrigo como também da própria farinha de trigo, protagonista de uma saga que atravessou séculos e continentes até se tornar um dos alimentos mais consumidos do planeta. Esta obra é a primeira a narrar esta jornada, em texto e fotos, do ponto de vista da moagem – das primeiras mós de pedra do Egito Antigo aos modernos moinhos de cilindros que hoje despontam pelo mundo, passando pelos lendários moinhos de vento e de água que ainda hoje povoam nosso inconsciente coletivo.

O livro também lança uma luz sobre o passado da farinha de trigo no Brasil, uma história pouco contada que aqui ganha destaque inédito. Como você verá, a evolução do cereal nesta terra se entrelaça com a própria história do nosso país, desde a primeira expedição colonizadora, em 1532, até a crescente abertura ao mercado internacional nas últimas décadas – este é, justamente, o ponto em que a Abitrigo entra na história.

Para nós, não há maior orgulho do que fazer parte desta saga.

Texto de **Xavier Bartaburu**

Arte **Ken Tanaka**

Direção de imagem **Valdemir Cunha**

Fotografia **Lígia Fernandes,**

Karina Sechi e Valdemir Cunha

Capa **Lígia Fernandes**

do grão ao pão

Farinha de trigo: história da moagem no Brasil

Del grano al pan // Harina de trigo: historia de la molienda en Brasil



São Paulo 2016

No ano de 1880, desembarcou no Rio de Janeiro Carlos Gianelli, uruguaio de nascimento, filho de um moageiro italiano, decidido a montar o primeiro moinho de trigo no Brasil. O fato se deu sete anos mais tarde, quando foi concedido, em documento assinado pela Princesa Isabel, o alvará que autorizava o funcionamento do Moinho Fluminense, com capital social constituído de mil contos de réis, dos quais Gianelli entraria com 50 mil réis e o restante seria dividido em 1900 ações de 500 réis cada. Naquele mesmo ano, as 33 moendas do Moinho Fluminense começaram a girar à beira da Baía da Guanabara, vizinhas ao porto do Rio, no bairro da Saúde. As máquinas, importadas da Inglaterra, tinham a capacidade de moer 120 toneladas de trigo por dia.

No início, os grãos eram importados dos Estados Unidos, da Nova Zelândia e da região do Mar Báltico, no norte da Europa, mas Gianelli, de olho em preços melhores, logo tratou de fomentar o cultivo do trigo nas regiões Sul e Nordeste do país, distribuindo sementes aos produtores locais. Também fechou importantes acordos de compra com o Uruguai e a Argentina, contribuindo para fortalecer os laços comerciais entre o Rio de Janeiro e a capital da República. Em 1896, o Moinho Fluminense chegou a comprar toda a produção de trigo de Montevideo, tal era a demanda de farinha no mercado.

Nem tudo, porém, eram avanços naqueles primeiros tempos. Não foram poucos os reveses que o moinho sofreu em decorrência das instabilidades políticas que afetaram o Rio de Janeiro na virada do século – mais em virtude da sua localização, próxima ao porto, do que por envolvimento direto com as desavenças em questão. Como quando esteve no fogo cruzado da Revolta da Armada, em 1893,

o ocasião em que navios da Marinha se rebelaram contra o governo federal, chegando a trocar tiros com as tropas do Exército que estavam em terra firme, parte delas, inclusive, refugiadas dentro do próprio moinho e entrincheiradas na ponte por onde saíam os sacos de farinha. O saldo da revolta deixou o Moinho Fluminense com alguns buracos de

bala no telhado e nas caldeiras, além da presença ilustre de Ruy Barbosa, então diretor do Jornal do Brasil, que lá teve que se esconder.

Em 1914, oito anos depois da morte de Gianelli, o Moinho Fluminense foi vendido a um grupo estrangeiro, dando início a uma nova fase de expansão que teria alguns pontos culminantes, particularmente em 1930, quando se tornou acionista de outras empresas (como uma fábrica de tecidos, para fornecimento dos sacos de farinha); em 1944, quando criou um pioneiro laboratório experimental de panificação, para desenvolver novos produtos; e em 1949, quando foi aberta uma subsidiária em São Paulo, o Moinho Central, capaz de moer 450 toneladas diárias de trigo.

Na década de 1970, a expansão e a modernização das instalações levaram o Moinho Fluminense a se tornar o maior moinho de trigo do Hemisfério Sul, responsável pelo abastecimento de metade do mercado fluminense e dois terços do carioca. Desde então, sucessivas renovações levariam a fábrica a alcançar a capacidade inédita de moagem de 2 mil toneladas de grão por dia, quase vinte vezes mais do que a produção inicial. E assim foi até 2013, quando o moinho foi vendido e as moendas, desativadas, para dar origem a um complexo de escritórios, apartamentos, lojas e quartos de hotel – estes instalados nos antigos silos.

O maior do Hemisfério Sul

El más grande del Hemisferio Sur

En el año de 1880, desembarcó en Rio de Janeiro Carlos Gianelli, uruguayo de nacimiento, hijo de un molinero italiano, decidido a montar el primer molino de trigo en Brasil. El hecho se dio siete años más tarde, cuando le fue concedido, en documento firmado por la Princesa Isabel, la licencia que autorizaba el funcionamiento del Moinho Fluminense, con capital social constituído de mil contos de réis, de los cuales Gianelli entraría con 50 mil réis y el resto sería dividido en 1900 acciones de 500 réis cada. En aquel mismo año, las 33 muelas del Moinhos Fluminense empezaron a girar a la orilla de la Bahía de Guanabara, vecinas al puerto de Rio de Janeiro, en el barrio de Saúde. Las máquinas, importadas de Inglaterra, tenían la capacidad de moler 120 toneladas de trigo por día.

Al comienzo, los granos eran importados de los Estados Unidos, de Nueva Zelanda y de la región del Mar Báltico, al norte de Europa, pero Gianelli, de ojo en precios mejores, pronto trató de fomentar el cultivo de trigo en las regiones Sur y Nordeste del país, distribuyendo semillas a los productores locales. También cerró importantes acuerdos de compra con Uruguay y Argentina, contribuyendo para fortalecer los lazos comerciales entre el Río de la Plata y la capital de la República. En 1896, el Moinho Fluminense llegó a comprar toda la producción de trigo de Montevideo, tal era la demanda de harina en el mercado.

Ni todo, sin embargo, eran avances en aquellos primeros tiempos. No fueron pocos los reveses que el molino sufrió como resultado de las instabilidades políticas que afectaron a Rio de Janeiro en el cambio de siglo – más en función de su ubicación, próxima al puerto, que por implicación directa con las desavenencias en cuestión. Como cuando estuvo en el fuego cruzado de la Revuelta de la Armada, en 1893, ocasión en que buques de la Marina se rebelaron contra el gobierno federal, llegando a intercambiar disparos con las tropas del Ejército que estaban en tierra firme, parte de ellas, incluso, refugiadas dentro del propio molino y atrincheradas en el puente por donde salían las bolsas de harina. El saldo de la revuelta dejó al Moinho Fluminense con algunos agujeros de bala en el techo y en las caldeiras, además de la presencia ilustre de Ruy Barbosa, entonces director del Jornal do Brasil, que allá tuvo que esconderse.

En 1914, ocho años después de la muerte de Gianelli, el Moinho Fluminense fue vendido a un grupo extranjero, dando inicio a una nueva fase de expansión que tendría algunos puntos culminantes, particularmente en 1930, cuando se volvió accionista de otras empresas (como una fábrica de tejidos, para suministro de bolsas de harina); en 1944, cuando creó un pionero laboratorio experimental de panificación, para desarrollar nuevos productos; y en 1949, cuando se abrió una subsidiaria en São Paulo, el Moinho Central, capaz de moler 450 toneladas diarias de trigo.

En la década del 1970, la expansión y la modernización de las instalaciones llevaron el Moinho Fluminense a tornarse el más grande molino del Hemisferio Sur, responsable por el suministro de mitad del mercado del estado de Rio de Janeiro y dos tercios del municipio. Desde entonces, sucesivas renovaciones llevarían la fábrica a alcanzar la capacidad inédita de molienda de 2 mil toneladas de granos por día, casi veinte veces más que la producción inicial. Y así fue hasta 2013, cuando el molino fue vendido y las muelas, desactivadas, para dar origen a un complejo de oficinas, departamentos, tiendas y habitaciones de hotel – estas instaladas dentro de los antiguos silos.

Fachada do Moinho Fluminense
Fachada del Moinho Fluminense

MOINHO FLUMINENSE



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-64444-10-2
9 788564 444102

